

A representação da relação entre a Mulher e a Violência conforme sites noticiosos de Cuiabá-MT

Paula Arruda¹
Rafael R. L. Marques²

Resumo: Este artigo se trata de um recorte acerca de um estudo que visou responder à pergunta: qual é o tratamento discursivo que sites jornalísticos de Cuiabá-MT dão às mulheres em matérias que abordam temas que orbitam a questão da violência? A pesquisa teve por motivação inicial o caso da jovem Juliene Gonçalves, assassinada em Maio de 2012, cuja repercussão midiática seguiu a linha do apelo sensacionalista. O trabalho teve como objetivo discutir questões éticas, sociais e comunicacionais da abordagem jornalística policial - em casos de violência contra a mulher. A pesquisa instrumentalizou a metodologia da análise de conteúdo por categorias e analisou matérias veiculadas de Maio a Dezembro de 2012 (08 meses). Percebeu-se grande destaque dos sites a casos de violência contra a mulher - de todas as formas - muitas vezes de forma negativa, sensacionalista e misógina.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Sensacionalismo; Jornalismo Policial.

ABSTRACT

This article is a clipping about a study aimed at answering the question: what is the treatment discursive sites journalistic Cuiabá give women in matters covering topics that orbit the issue of violence? The research was motivated by the initial case of the young Juliene Gonçalves, assassinated in May 2012, whose repercussions media followed the line of the sensationalist appeal. The study aimed to discuss the ethical, social and communicational approach journalistic police - in cases of violence against women. The research used the methodology of content analysis categories and analyzed articles published from May to December 2012 (08 months). It was noticed major highlight of sites to cases of violence against women - of all forms - often in a negative way, sensationalist and misogynistic.

Keywords: Violence against women. Sensationalism. Police Journalism.

Introdução

Vitimização. Culpabilização. Exploração da imagem com intuítos sensacionalistas – por caminhos antiéticos que exploram a veia libidinal humana. São vários os referentes a serem questionados. Todos eles provocam o surgimento de representações enviesadas do feminino. Este artigo trata dos meandros da cobertura jornalística acerca da violência contra a mulher realizada pelo site noticioso Olhar Direto. Surgiu do interesse em investigar o tratamento que a mídia dá à imagem feminina, no que tange o campo do jornalismo policial.

Esta pesquisa emergiu de uma curiosidade, de um tema que discutido em sala de aula – que posteriormente virou indignação. No dia 28 de maio de 2012, a jovem cuiabana

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social – FACS – da Universidade de Cuiabá – UNIC –, Cuiabá-MT. E-mail: paula.ar.jornalista@hotmail.com

² Orientador do trabalho. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo (UFMT). Docente e Coordenador do Grupo de Pesquisas EDUCOM, da Faculdade de Comunicação – FACS – da Universidade de Cuiabá – UNIC –, Cuiabá-MT. E-mail: rafael_jornal@yahoo.com.br

Juliane Gonçalves, de 20 anos, foi assassinada. Seu corpo foi encontrado em estado lastimável – nu e enforcada com sua própria calça Jeans nas grades da arquibancada de um estádio de futebol do Bairro do CPAII.

O fato teve grande repercussão nas redes sociais, sendo propagado por vários jornais eletrônicos e blogs apócrifos – tanto da capital Cuiabá como do interior do Estado de Mato Grosso -, que publicaram notícias da jovem com fotos e detalhes explícitos, de forma quase grotescamente didática. O acompanhamento desta notícia, bem como seus desdobramentos, deu origem a diversos dilemas éticos e reflexões sobre a postura que o profissional jornalista deve adotar ao trabalhar com temas sensíveis, que colocam os dramas do ser centro do palco midiático.

A reflexão é a seguinte: se a imagem de Juliane Gonçalves foi utilizada em serviço da lógica da audiência e da quantidade de acessos a qualquer custo, tal fato deve ser apenas uma pequena parcela de um grande contexto, em que a figura feminina em meio à violência é tratada com violência. Neste sentido, foi elaborado o seguinte problema: qual é o tratamento discursivo que os sites jornalísticos dão à mulher em matérias que abordam temas que orbitam a questão da violência?

Tendo em mente esta questão, optou-se pela investigação das matérias dos sites jornalísticos *Olhar Direto* e *Mídia News*, que, em relação ao caso Julienne, destacaram-se quantitativamente dentre os demais concorrentes. Além disso, são os sites da capital de Mato Grosso com o maior índice de matérias sensacionalistas no ano de 2011 (SOARES e TRIELLI, 2011).

Interessante destacar que o Jornalismo Policial é uma editoria que tem um grande poder de impacto social e institucional, pois o foco é no desempenho das instituições responsáveis pela administração das infrações legais dos cidadãos. Seu poder mobilizador deve-se pela relação com a vida e morte de pessoas, na maioria dos casos explorados pela mídia. Neste sentido, cabe a inserção de uma reflexão. Questionado por um estudante de jornalismo durante uma entrevista para USP, sobre a ética na editoria jornalística policial, o jornalista José Marques de Melo (2003) respondeu:

A práxis jornalística é uma só, comprometida com a identificação das ocorrências de interesse público, sua apuração criteriosa e o acompanhamento dos fatos noticiados, que inevitavelmente produzem impactos na sociedade. É evidente que as editorias jornalísticas, em qualquer setor da vida cotidiana, acabam por instituir procedimentos operacionais consentâneos com a natureza dos fatos que são peculiares, jargão apropriado e rotinas de trabalho.

É a partir da lógica ética que o professor Marques de Melo define o que é – e o que não é - jornalismo. Aquele profissional que apela para o sensacionalismo, para o abuso e para a exploração da imagem alheia é tudo, menos um jornalista.

A tênue linha que separa o jornalismo popular e o sensacionalismo

O jornalismo policial, a abordagem popular e a imprensa sensacionalista se misturam, desde seus primeiros registros. No livro de Daniel Angrimini (1995), “Espreme que sai sangue”, é relatada a história do jornalismo policial de maneira muito sensacionalista. Acredita-se que em 1560 na França e nos Estados Unidos, foram impressos os primeiros exemplares com histórias de homicídios de maneira explícita. No século XIX, os “canards” fazia muito sucesso, eram jornais populares com causa das notícias de crimes.

Os vendedores de “canards” percorriam as ruas de manhã à noite, saíam às ruas aos gritos, chamando a atenção do público com suas manchetes espetaculares, deixando claro como o sensacionalismo e jornalismo policial e popular estão quase sempre juntos. Numa análise comparativa-histórica, percebe-se que muita coisa não mudou e que este tipo de jornalismo continua sendo feito nos mesmos moldes, assim como continua dando muito lucro e sendo de interesse de muitos. O excesso de violência muitas vezes reflete na quantidade de pautas diárias e por falta de tempo e também conveniência utilizam na maioria as mesmas fontes, neste caso a polícia. Muitos de destes informantes que se dispõem a colaborar são do interior das instituições da segurança pública e muitos não possuem especialização.

Salvo exceções – elas existem e são importantes – a regra é uma deficiência reforçando outra. Pessoas que entendem pouco do que estão falando orientam-se por profissionais que entendem menos ainda do que estão tratando. O resultado é desinformação e ausência de uma perspectiva mais analítica que leve à compreensão da violência a partir de um quadro de referência mais amplo. (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 35).

Um aspecto muito comum no jornalismo policial é relação de dependência que alguns repórteres têm com algumas fontes da polícia. Isso dificulta na realização de reportagens sobre as corporações. Infelizmente é comum jornalistas serem ameaçados ou intimidados por policias ou delegados para impedir uma reportagem ou publicação.

A definição do jornalismo popular em sua essência é bem definida pela jornalista e escritora do livro Jornalismo Popular (2006), Márcia Amaral, que afirma, após um período

de pesquisa, que os valores dos jornalistas que atuam nesta área são determinantes para o foco da notícia. O jornalismo popular tem como definição e função na sociedade favorecer o didatismo e aproximação o público, segundo Amaral (2006, p.12):

Pensar em jornalismo voltado à maioria da população é uma experiência sempre tomada por questionamentos e críticas, pois, quando se trabalha com jornalismo numa perspectiva popular, percebe-se o quanto são tênues os limites entre a responsabilidade pública e sedução do leitor.

O jornalismo Popular é uma segmentação na imprensa que busca se aproximar de camadas mais amplas da população tendo como referencial uma entonação mais popular, que varia de veículo para veículo. Seu público alvo são *C, D e E*, leitores de baixa renda e pouco hábito de leitura. A linguagem é simples e didática, muitas vezes com tom dramático, utilizam de elementos culturais e históricos destinados ou produzidos pelo leitor, gerando uma identificação e aproximando este público para com objetivo de torna-lo sempre fiel ao jornal.

Segundo Danilo Angrimani (1995), sensacionalismo é um fenômeno em grande expansão que possui várias dimensões históricas e grandes produções midiáticas. Para o autor, o noticiário apoia-se no sensacionalismo no tripé: sexo, crime e sobrenatural. O autor afirma que o sensacionalismo não admite distanciamento e explora o conteúdo emocional da notícia. Nesta mesma linha de pensamentos Ciro Marcondes Filho (1995) afirma que:

Enquanto no signo o indivíduo isola, racionaliza (dá explicações falsas), intelectualiza suas emoções, nos clichês, o acesso às lembranças é espontâneo e natural. O clichê retarda o emocional, busca insistentemente uma saída para a consciência, caracteriza pela forma repetitiva de agir. (...) É também característica do clichê que essas imagens de felicidade, de agressividade, com as quais o receptor se identifica não se aproximam da experiência real vivida pelas pessoas: no momento de sua expansão elas são interrompidas e desviadas para as imagens ou esquemas convencionais que descarregam a tensão. (MARCONDES, 1995, p. 58).

Mesmo sendo uma análise crítica a televisão, convêm aproveitar a percepção do autor sobre sensacionalismo. Para Marcondes, os clichês e signos fazem e são ferramentas da linguagem adotadas para o sensacionalismo. Para o jornalista Cláudio Abramo (1988), já falecido e um entusiasta do tema da ética na profissão, em seu livro *A regra do jogo*, o autor diz que “[...] O jornalista não tem ética própria. Isso é um mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista”. (ABRAMO, 1988, p.45).

Violência, sensacionalismo e afins: conceitos

É difícil falar sobre a violência com um olhar social e discutir o contexto histórico dos fatos que propiciam tanta violência, está é conclusão do sociólogo Roberto Da Matta no livro *As Raízes da Violência no Brasil* (1982). Mesmo os meios de comunicação que mais exploram suas reportagens, não desenvolvem um trabalho de longo prazo sobre possíveis causas e soluções para combater este grande problema social. A imprensa se limita ao fato, notícia, chegando às vezes a isolar o contexto social, político e econômico que estão sempre envolvidos, como se fosse proibido.

Falar de violência como fato social é tão difícil quanto falar de sexualidade, do tabu, ou do pecado. Em relação a esses assuntos, o sistema de moralidade determina que se fale apenas a partir de uma posição e de um partido. E a obediência a esse princípio moral e reacionário é tão cega que a postura sociológica é sempre entendida como uma fuga, uma posição que cobre com a capa da neutralidade utópica para não ter que tomar um partido. Nada pode parecer mais errado. (MATTA, 1982, p. 14).

A criminalidade e a violência são fatos distintos, pois nem todos os atos violentos são considerados crimes e nem todos os delitos possuem ação agressiva contra a vida ou integridade física de um indivíduo ou do coletivo.

Um ato transgressor se caracteriza pelo afrontamento das normas sociais aceitas como legítimas em uma dada sociedade ou grupo social, e se torna violento quando vem acompanhado da utilização da força física no sentido de causar dano a outrem numa situação conflituosa. Refere-se tanto ao ato quanto à ameaça de praticá-lo. Já o conceito de crime diz respeito àqueles atos que transgridem normas sociais, para os quais já está prevista uma sanção legal.(ANTUNES, 2009, p.3).

O jornalista e pesquisador Muniz Sodré, faz uma classificação de seis tipos principais de violência, no livro *Sociedade, Mídia e Violência* (2002,p.12-13). Relacionando alguns com exemplos divulgados pela imprensa. Violência Anônima, representada, socio cultural, racial/étnica, simbólica e sociopolítica. Conforme o autor, a mídia possui perfeito conhecimento das causas e efeitos e das diferentes variações da violência e mesmo assim o termo violência é sempre vinculado a fatos de crimes e assaltos, como objeto espetacularizado das estatísticas das instituições de segurança pública.

Soares e Trielli(2012) citam que o a sedução da violência é um processo orquestrado pelos meios de comunicação, através do sensacionalismo empobrecendo a função social do jornalismo e prejudicando o seu público.

A sociedade fica desprotegida, sem o guarda-chuva de seu porta-voz – o jornalismo. O limiar de aceitabilidade social é ampliado, assimilando práticas ligadas à violência e ao sensacionalismo no arcabouço do cotidiano, o senso

comum. É o processo de sedução para a violência, promovido por alguns veículos comunicacionais. (SOARES E TRIELLI, 2011, p.22).

Este ciclo alienatório feito pela mídia é um dos reflexos das nossas origens, desde a conquista de terras com muitas lutas, preconceitos étnicos e de gêneros, e censura política. A escola também teve seu papel de reforçar esta violência da qual hoje é vítima. Roberto da Matta (1982, p. 15) sintetiza “[...] Uma sociedade se revela tanto pelo que reza como sagrado e como fundamental para o seu bem-estar quanto pelo que teme e desprezam como pecado, crime e violência”.

Pensar em violência como uma ação isolada é andar em círculo, sem se preocupar no contexto político, econômico, cultural do coletivo e do indivíduo que passa a vida sobrevivendo. A falta de referencial de ideologias construtivas nos âmbitos culturais, políticos tem levado degradação social que influi na ordem das normas legais. O aumento da violência, mesmo em países ricos, segue pra uma lógica de estarmos próximo do fim do mundo. A intolerância, o desrespeito, as desigualdades em todas suas formas são a verdadeira fonte dos conflitos da violência e degradação do ser humano.

METODOLOGIA

Com o objetivo principal de identificar o tratamento ideológico dado à imagem feminina em matérias policiais sobre violência e Mulher presentes na editoria de cidades de sites jornalísticos do Estado de Mato Grosso, a presente pesquisa segue pelo viés da pesquisa empírica, que de acordo com Demo (1981, p. 37) “[...] É a pesquisa dedicada ao tratamento da ‘face empírica e fatural da realidade; produz e analisam dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e factual.”

Trata-se de uma investigação quanti-qualitativa. Quantitativa, na medida em que irá averiguar a frequência de determinado objeto. E qualitativa, por se aprofundar nos nuances discursivos. Neste sentido, pretendeu articular dados estatísticos concretos com análise de conteúdo de textos (BOGDAN e BIKLEN, 1977).

Para realizar a pesquisa, optou-se pela perspectiva da análise de conteúdo textual, que segundo Bardin (1977) e Wolf (1991) bebe do paradigma comunicacional criado por Laswell: Quem; diz o quê; a quem; em que canal; com que efeitos?

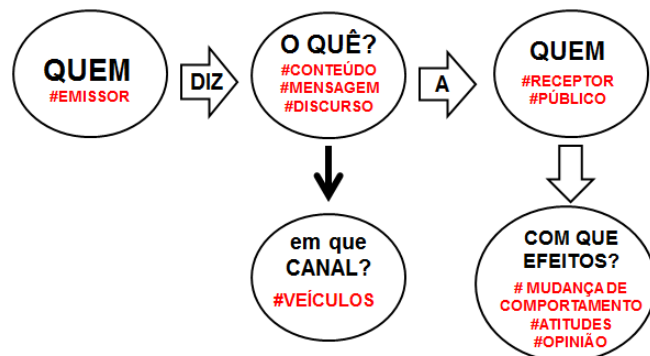


Ilustração 1 Modelo de Harold Lasswell

O método consiste na análise passo a passo dos dados obtidos durante uma determinada pesquisa. O principal objetivo desta análise é “[...] observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século.” (BARDIN, 1977, p 13). Nesta lógica, optou-se pela análise de conteúdo mediante categorização. Segundo Herscovitz (2007), a análise de conteúdo nesta linha se apóia na lógica e na observação. Assim sendo, é ideal para análise de textos jornalísticos. De acordo com a autora:

A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, ambigüidades ou ideologias presentes nas matérias examinados. (2007, p. 127)

A pesquisa foi realizada em Maio – mês do crime que levou à morte da Jovem Juliene Gonçalves – Maio à Dezembro de 2012 (Oito meses), nos sites jornalísticos de Mato Grosso: Olhar direto (www.olhardireto.com.br) e Mídia News (www.midianews.com.br). Os sites foram selecionados por serem os três principais da capital Cuiabá, no quesito quantitativo de matérias sensacionalistas conforme trabalho de Soares e Trielli (2011).

Ao fim dos doze meses de levantamento das matérias, foram criadas categorias para abarcá-las, levando em consideração todas as variáveis encontradas, sendo usadas para organizar a pesquisa em ambos os jornais pesquisados. São elas: Mulher e criminalidade; Mulher e homicídio; Mulher e violência e demais nuances; Mulher e Violência doméstica; Mulher e Violência Sexual.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Análise quantitativa

A seguir, pode-se observar a tabela 1, com a tabulação geral com a quantidade de matérias, por Mês e categoria no site Olhar Direto.

CATEGORIAS	MESES								TOTAL
	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
Mulher, violência e criminalidade	6	11	3	8	5	4	8	7	52
Mulher, violência e mortes evidenciadas	11	27	7	13	14	11	19	16	118
Mulher e Violência doméstica	7	8	1	7	9	8	10	10	60
Mulher e Violência Sexual	1	10	1	12	6	3	7	3	43
Mulher e violência - demais nuances	5	5	1	3	7	5	13	8	47
TOTAL	30	61	13	43	41	31	57	44	320

Tabela 1 Frequência de Matérias, por mês e por categoria do site Olhar Direto

Perecebe-se que a categoria com maior frequência de matérias foi Mulher, violência e Mortes evidenciadas, com 118 ocorrências, seguido de Mulher e violência doméstica (F=60). O mês com maior ocorrência de matérias foi Junho, com 60 matérias. Além de Junho ser o mês com maior ocorrência geral, é o mês em que a categoria Mulher, violência e mortes evidenciadas obtiveram sua maior ocorrência, $f=27$.

Mulher, violência e mortes evidenciadas obteve 36,87% do total de 320 matérias. Em seguida vem a categoria Mulher e violência Doméstica com 18,75% das ocorrências e Mulher e violência – demais nuances, com 14,68%.

A seguir, dados referentes ao site jornalístico Mídia News:

CATEGORIAS	MESES								TOTAL
	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ	
Mulher, violência e criminalidade	1	11	2	5	1	7	4	2	27
Mulher, violência e mortes evidenciadas	3	14	7	12	4	5	14	15	63
Mulher e Violência doméstica	1	4	4	4	1	1	3	1	16
Mulher e Violência Sexual	0	5	3	10	4	4	4	2	29
Mulher e violência - demais nuances	3	7	2	3	3	3	2	1	19
TOTAL	8	41	18	34	13	20	27	21	182

Tabela 2 Frequência de Matérias, por mês e por categoria do site Mídia News

A pesquisa junto ao site obteve 182 ocorrências no período de oito meses. A categoria que mais se destacou quantitativamente foi Mulher, Violência e mortes

evidenciadas, com $f=63$. E um número significativo, se levarmos em consideração que as categorias que se seguem são *Mulher e violência sexual* ($f=29$) e *Mulher, violência e criminalidade* ($f=27$).

Segundo a pesquisa do site Midia News, a categoria Mulher, violência e mortes evidenciadas chega ao seu ápice em Dezembro de 2012, com 15 ocorrências neste mês, após se recuperar de uma oscilação em setembro, com apenas quatro matérias. Agora, um comparativo quantitativo - frequência e percentual - entre os dois sites pesquisados:

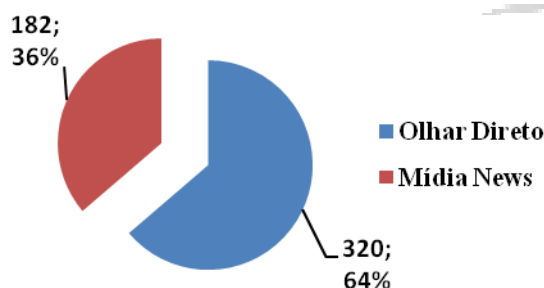


Gráfico 1 Frequência e percentual do total dos dois jornais pesquisados

Das 502 matérias encontradas durante os oito meses pesquisados, 320 são do Olhar Direto - 64% do total, ou seja bem mais da metade – e 182 do Mídia News – 36%. Interessante comparar que em ambos os jornais a categoria *Mulher, violência e mortes evidenciadas* são as com maior percentual de ocorrências (36,87% e 34,61%, respectivamente). No entanto, temos uma alteração quanto à categoria *Mulher e Violência Doméstica*, com percentual de 18,75% no Olhar direto e 8,79% no mídia News. Além disso, a categoria *Mulher e violência sexual* se destaca no site Mídia News com 15,93% das ocorrências, pouco mais que os 13,43% do Olhar Direto.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – QUALITATIVA

Nesta parte do trabalho apresentaremos um recorte dos resultados para a análise de conteúdo por categoria, conforme Bardin (1977). Trata-se de uma análise geral, sintetizando o que de mais importante se destacou em nossas leituras sobre o conteúdo obtido nos sites investigados.

Mulher e criminalidade

Esta categoria analisa as publicações relacionadas a mulheres que cometem crimes, como tráfico de drogas, roubo, furto entre outros. Em muitos casos percebe-se que o uso da palavra "mulher" no título das matérias gera expectativa por ser cometido pelo sexo feminino. Um exemplo é a matéria a seguir, publicada no site Olhar Direto de 27/07/2012, intitulada: Polícia Militar prende mulher com droga na vagina durante uma revista no Carumbé (Presídio Central do Estado de Mato Grosso/ masculino).

A Polícia Militar prendeu uma mulher que tentava entrar na Penitenciária Central do Estado (PCE) com drogas escondidas na vagina. Segundo informações policiais, Mônica de Oliveira Cunha, de 41 anos, levava uma porção grande de maconha (um tablete) na vagina e foi descoberta durante a revista. No momento em que foi feita a revista ela confessou a policial militar que transportava a droga. Diante dos fatos Mônica foi encaminhada para Central de Flagrantes.

Percebe-se o uso de explícito de linguagem popular e sensacionalista, que dá destaque ao local em escondido o entorpecente, em forma de nota. O uso da palavra vagina, e a relação com o *tablet*, deixam nítida a falta de informação útil. Pois poderiam ser fácil substituídos e compreendidos por genitália, órgão reprodutor, ou similar. Esta publicação faz ligação clara à mulher, crime e sexualidade e subordinação ao detento do sexo masculino que iria visitar e entregar a droga.

Abaixo, o quadro comparativo entre as abordagens dos sites:

<i>OLHAR DIRETO</i>	<i>MÍDIA NEWS</i>
Em grande maioria das matérias a mulher foi vítima e quando criminosa teve grande destaque pelo Site, quase sempre utilizando a palavra mulher nos títulos.	Destacaram mais os casos em que a mulher é a criminosa.
EM GERAL	
A mulher tendo o destaque, que será revertido em acessos. A mulher criminosa sendo posicionada como algo "fora do comum".	

Mulher, violência e mortes evidenciadas

Nesta categoria foram selecionadas publicações em que aconteceram homicídios por parte da mulher, como assassina ou como vítima. Em cerca de 90% dos casos as mulheres são as vítimas. A faixa etária levada em consideração, como casos que variam de meses a mais de 80 anos de idade. Também se misturam categoria como violência doméstica dando sequência à morte.

Outra questão muitos casos de homicídios passionais, não são apenas uma vítima como, por exemplo, a esposa, incluindo filhos e outros integrantes da família com mãe, irmã entre outros. Nos casos em a mulher é cometeu o crime contra a vida mais de 95%

são passionais. Contra maridos, ex-companheiros e também filhos, neste caso em todas as idades.

Para conectar diretamente com as análises, será apresentada a matéria a seguir, do site Olha Direto (03/08/2012 - 08:21), da Editoria de Cidades:

Marido mata mulher e amante a pauladas na frente dos filhos em Tangará da Serra

O marido da vítima cometeu o crime na casa do suposto amante, na noite desta quinta-feira (02), em Tangará da Serra. A mulher foi morta a pauladas e o homem a pauladas e facada, seguindo informou o Centro Integrado de Segurança e Cidadania (Cisc) do município. O marido, Eliomário Ribeiro da Silva, de 34 anos, chegou na casa de Geraldo Mendes da Costa, 39 anos, e encontrou a mulher, Cleunice de Melo Freire, 39 anos, com os três filhos do casal. O suspeito trancou os dois na casa e desferiu golpes de paulada. Ela tentou fugir mas não conseguiu e foi morta no quintal da residência. O homem que seria amante dela entrou em luta corporal, mas foi atingido por golpes de faca e pauladas (...)

No recorte da publicação acima o machismo é explícito, pois o agressor cometeu a violência física pro não aceitar o fim do relacionamento.

<i>OLHAR DIRETO</i>	<i>MÍDIA NEWS</i>
Em grande maioria das matérias a mulher foi vítima e quando criminosa teve grande destaque pelo Site, quase sempre utilizando a palavra mulher nos títulos.	Destacaram mais os casos em que a mulher é a criminosa.
<i>EM GERAL</i>	
A mulher sempre é a protagonista. E novamente, os casos em que a mulher é a criminosa/assassinada são tratados como espetaculares – catarse, o público se identifica com a vingança.	

Mulher e violência e demais nuances

Nesta categoria são classificados publicações referentes a processos de preconceito e discriminações contra a mulher, assédio moral, violência psicológica, massaltes tendo a mulher como vítima, acidentes de trânsito tendo a mulher como vítima, neste caso sendo causadora e vítima e/ou sofrendo atropelamento, publicações de reflexão referentes as ações da justiça à violência contra a mulher. Em grande maioria dos casos derivam da violência doméstica, do núcleo familiar. O trecho abaixo é de uma matéria do site Midia News:

As marcas de violência contra a menor foram atestadas em um exame de corpo e delito. Ela relatou a mãe, à Polícia e aos conselheiros tutelares que o pai a amarrou, lhe deu tapas na caras, socos, cortou seu cabelo e, logo em seguida, raspou a sua cabeça. Além das agressões físicas, o pai também teria feito um terrorismo psicológico com a menor. Segundo os relatos, ele colocou uma arma no rosto da filha, disse que a mataria, caso contasse sobre a surra, e também fez disparos para o alto. Para a Polícia, a menor disse que a madrasta não lhe apoiou, mas que observou toda a cena, sem oferecer nenhum tipo de apoio. A

garota disse que já sofreu agressões em outras oportunidades, mas nunca dessa forma. Em todos os casos, ela disse que nunca denunciou por ter medo do pai. A mãe da menor disse ao MídiaNews que está separada há cerca de 12 anos e que nunca foi agredida por Pedro.

Percebe-se um proposital exagero na vitimização da garota agredida pelo pai e uma descrição detalhada dos fatos ocorridos, o que favorece a construção de uma representação inviezada. São marcas do sensacionalismo.

OLHAR DIRETO	MÍDIA NEWS
As publicações sobre estes temas no site possuem pouco detalhes informativos e dando prioridade a dados básicos de cunho sensacionalistas.	Pouca informação jornalística do contexto dos fatos, focando nos aspectos sensacionalistas.
EM GERAL	
Detalhamento, destaque excessivo da mulher, seja como vítima ou agressora.	

Mulher e Violência doméstica

Esta categoria é a uma das mais comuns nos casos em que as publicações envolvam mulheres. Os números de casos de violência doméstica só não superaram o índice de homicídios. Mas a violência doméstica deve ser encarada como a mola propulsora para outras categorias. Nesta categoria são classificadas publicações que envolvam mulheres como vítima ou não. Em são registrados e evidenciados agressão física, psicológica, moral, patrimonial e sexual no núcleo.

Exemplo abaixo do site Olhar Direto, do dia 06/07/2012 (10:10), da editoria de Cidades com o seguinte título: *Grávida de 8 meses é agredida pelo pai de seu bebê em Mato Grosso.*

Grávida de 8 meses, a dona de casa L.L.S.D, 20 anos, foi agredida pelo pai do bebê, D.R.G.O., 20. Ele invadiu a casa da vítima no Jardim Brasília, em Rondonópolis, e passou a asfixiá-la tampando-lhe a boca e o nariz, além de dar socos na cabeça da mulher. O crime ocorreu por volta das 22h de quinta-feira (05).Conforme o relato da vítima, durante o dia de ontem, o rapaz enviou mensagens de celular em tom de ameaça e xingamentos. As informações foram repassadas para a Delegacia da Mulher, que vai investigar o caso. A vítima só escapou da agressão por ter conseguido correr e pedir socorro aos vizinhos. A Polícia Militar foi chamada, mas o agressor fugiu e ainda não foi preso

Percebe-se o claro apego ao boletim de ocorrência, com a transcrição sistemática das informações. Quase é possível visualizar mentalmente a imagem estereotipada de um policial fardado narrando o fato. Abaixo, os detalhes:

<i>OLHAR DIRETO</i>	<i>MÍDIA NEWS</i>
As publicações relacionadas ao temas , em grande maioria se baseiam no B.O como notas. Mesmo utilizando de imagens ilustrativas, teve mais fotos dos envolvidos.	Priorizou a versão policial, e na maioria utilizou foto ilustrativa.
EM GERAL	
Apego ao boletim de ocorrência. Detalhamento, descrição dos fatos quase de que forma romanceada.	

Mulher e Violência Sexual

Nesta categoria se classificou todas as publicações de violência sexual em todos os âmbitos e em todas as idades. Na maioria dos casos presentes nas matérias investigadas nesta categoria, a mulher é sempre a vítima, mas não se deve desconsiderar circunstâncias em que a mulher adulta abusa de crianças, muitas vezes filhos, alicia para prostituição (referente a categoria de mulher e criminalidade), também é cúmplice em casos de abusos sexual, como em casos de pedofilia dentro no núcleo familiar

Em alguns casos as publicações são explícitas e em outras, mais discretas no endossamento ao estupro. Marcas do sensacionalismo. Um exemplo é o trecho de uma matéria publicada pelo site Mídia News no dia 15/07/2012: *Servidor é preso acusado de estuprar enteada de 4 anos.*

A prisão ocorreu em flagrante; casos de estupro em família são constantes, segundo a Polícia Policiais da Delegacia de Defesa da Criança e do Adolescente da Capital prenderam, em flagrante, o servidor público C.A.S., de 49 anos, acusado de estuprar a enteada de apenas quatro anos. Ele foi preso após ter preventiva decretada. O flagrante foi feito por agentes policiais na Junta Comercial do Estado de Mato Grosso (Jucemat), no Centro Político e Administrativo (CPA), onde ele presta serviços. Segundo as informações, ele é contador e destacado membro de um clube de serviço em Cuiabá. Assim que chegou para trabalhar, foi detido pelos policiais, na tarde de sexta-feira (13)(...)
 Segundo a Polícia, a mãe saberia que o acusado estuprara a neta, mas não procurou as autoridades para denunciar o amante. "Tio"
 Segundo a delegada Alexandra Fachone, o caso veio à tona há cerca de um mês, após denúncia feita pelo pai da criança (nome não revelado), que foi chamado até a escola e ficou sabendo do suposto abuso sexual. A menina teria relatado a professores do colégio que o namorado de sua mãe, a quem chamava de "tio", teria abusado sexualmente dela. De imediato, o pai registrou queixa na Delegacia e foi iniciado um atendimento psicossocial na Deduc. "Além disso, a menina também foi submetida a exames no Instituto de Medicina Legal (IML) e no Hospital Júlio Miller, para atendimento e medicação adequada ao caso", disse a

delegada. A delegada acrescentou que, em todos os momentos do atendimento por psicólogos, na Deddica, no IML e no hospital, a criança foi clara em revelar os atos supostamente praticados pelo contador. Segundo a Polícia, as investigações dão ênfase ao fato de que a mãe da criança tinha conhecimento do abuso sofrido pela filha, mas não teria feito nada para protegê-la. A criança está, atualmente, sob a guarda do pai.

Nesta reportagem o site preserva a identidade e imagem do agressor. Mas, na maioria das vezes, os suspeitos aparecem com o nome e rosto identificado nas reportagens. Também fica evidente que a reportagem não procurou o suspeito ou o advogado do suspeito para alguma declaração. Também não foi citada a parte do pai da vítima, apenas a versão da polícia. E um detalhe marcante é a insistente repetição do termo “segundo”.

Abaixo, o quadro comparativo com os principais detalhes percebidos:

<i>OLHAR DIRETO</i>	<i>MÍDIA NEWS</i>
O site usou imagens ilustrativas e detalhes nos títulos.	O site possui na maioria conteúdo mais completo em relação ao outro site, relacionando os fatos com instituições responsáveis neste casos.
EM GERAL	
Polemizam em torno do tema, mas não se aprofundam. Não triangularam. Não procuraram o lado do agressor. Tratamento burocrático para um tema que exigiria um aprofundamento.	

Em geral

Nos sites analisados foram evidenciadas diversas complicações quanto às questões éticas e sócio culturais em relação à violência contra a mulher. Usos explícitos e subjetivos; preconceituosos e discriminatórios e com viés sensacionalista na maioria dos casos. Também ficou claro que grande parte das publicações se enquadra como notas, o que pode prejudicar a construção de sentidos por parte do público. O uso da linguagem popular, sensacionalista e ilustrações só reforçam o fato de que estes meios de comunicação não atuam com cuidado e preocupação social em casos de violência contra as mulheres. Em síntese:

<i>OLHAR DIRETO</i>	<i>MÍDIA NEWS</i>
Percebe-se grande destaque no site em casos de violência contra a mulher de todas as formas em relação ao outro site. Abordando todos os tipos de violência	Mesmo com uma cobertura variada o site não tem uma cobertura de violência contra a mulher, como a do concorrente. Percebe-se destaque e/ou prioridade em casos mais emblemáticos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse público contra o interesse do público. Segundo José Marques de Melo (2012), uma das principais ações desempenhadas pela figura do jornalista na contemporaneidade é filtrar a partir desta lógica o que realmente é interessante para o desenvolvimento da sociedade. É separar o joio do trigo. No entanto, neste jogo sócio-político, algo sempre passa pela peneira, pois a quantidade de acessos ou a audiência ainda pesam muito no produto final jornalístico.

O tema Mulher e Violência, quando encontrado nos jornais é emblemático. Há quem veja as contradições e quem as defenda. Por exemplo, o jornalista que desenvolve a matéria de cunho sensacionalista justifica a produção a partir da visão assistencialista: evidenciando o tema, ele acha que está ajudando a população a evitar ou prevenir alguns casos. Trata-se daquelas em que uma mentira contada mil vezes acaba por virar verdade. O espetáculo não pode parar. De acordo com Guy Debord (1997), o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens. O sensacionalismo é social. Então, o desejo alimenta a demanda. Que gera a produção. Que eleva a audiência. Que fomenta o desejo. E assim sucessivamente.

Pensar numa sociedade que não utiliza do corpo da mulher para adquirir audiência ou lucro é quase um sonho. Esta pesquisa se baseia no jornalismo, mas não citar a Indústria Cultural, como uma das difusoras de estereótipos e conceitos pré-estabelecidos, seria inevitável. Os padrões estéticos direcionam milhares de mulheres desde a infância até ao final de suas vidas, de como de vestir, comportar e consumir. São as maiores consumidoras e, ao mesmo tempo, produtos, como por exemplo, belas jovens loiras de biquínis em anúncios publicitários de cerveja. “Cerveja é bebida de homem,” logo a mulher é relacionada a algo comestível, como um simples produto que se encontra nas gôndolas de supermercado. Tudo é uma questão representacional. Cultural. Do jogo de significados.

No jornalismo e em especial na editoria de polícia, a mulher também possui destaque sempre negativo. Na grande esmagadora das vezes como vítima de violências, citadas anteriormente, e dificilmente como a criminosa. Nestes casos, a cobertura desta nos títulos e imagens da mulher como algo mais grave em relação ao homem. Ficando explícita a condição de desigualdade, em muitos casos em que a mulher é quem comete o crime, recebe mais destaque que o homem que cometeu o mesmo crime. Fazendo a analogia a imagem da virgem Maria, mãe, esposa, dona de casa, sofredora, ou da mulher pecadora que veio da costela de Adão e "teve a audácia e induziu" o homem ao pecado, da situação em a mulher têm duas condições ou vítima ou causadora, criminosa.

Conforme foi observado, a mulher tem cometido todos os tipos de crimes e, em relação a homicídios, a grande maioria tem traços passionais. Em relação à agressão da mulher ao crime, é uma consequência social atual, conforme a mulher tem adquirido espaço na sociedade civil dentro da lei, ela tem conquistado espaço fora da lei. A mulher tem conquistado espaço de destaque em diversos setores da sociedade no Brasil. São equivalentes na maioria da população, também são na maioria chefes da casa, trabalham, estudam, cuidam de filho(s) e estudam. Todas as condições atuais da nossa sociedade contribuem para a "liberdade feminina". Talvez exista uma espécie de ressaca de repressão feminina que faça com algumas mulheres se imponham de maneira negativa em relação à sociedade, como um adolescente recém-feito 18 anos.

Tanta liberdade e responsabilidade pra si e com a sociedade o que fazer. Percebeu-se que a imprensa tradicional tem uma tendência machista, pois utiliza de publicações com imagens de mulheres nuas e/ou nuas em meio a publicações jornalísticas. Deixam claro o perfil do seu público, masculino. É como se a mulher e sua imagem fosse imprescindível ao jornal, garantia de audiência até na editoria policial. A falta de preparo e qualificação do profissional jornalístico acaba por gerar o fenômeno do cozinhamento de notas de assessorias das polícias. Podiam "aproveitar" dos casos e divulgar a Lei Maria da Penha e de maneira correta e didática ao invés de detalhar o crime e cena dos crimes.

Pensar e discutir em violência contra a mulher de maneira positiva e construtiva é colocar em seu devido lugar de igualdade na sociedade. Conforme Engel (2000), para se desvincular de discursos feministas e sexistas, é preciso se desvincular o que é sempre a vítima. Pois o momento a mulher é protagonista e autora de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, C.A **Regra do Jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AMARAL, M. **Jornalismo Popular**. São Paulo. Editora Contexto, 2006.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue: Um estudo sobre o sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Ed. Summus. 1994.

ANTUNES, G. **Breves considerações sobre violência**. 2009. Disponível em: <<<http://www.urbalpernambuco.org/adm/public/files/biblioteca/Artigo-sobre-Violencia--20110513113335.pdf>>>>>. Acesso em: 18 de Mai. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**; tradução de Estela dos Santos Abreu.- Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

ENGEL, M. **Paixão, crime e relações de gênero** (Rio de Janeiro, 1890-1930). Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<
http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_artigo04.pdf>> Acesso em 30 de mai. 2013.

HERSCOVITZ, H. G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. IN: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão, A vida pelo vídeo**. Rio de Janeiro: Ed. Moderna. 1995.

DA MATTA, R. **As Raízes da Violência no Brasil: reflexões de um Antropólogo Social**. São Paulo. 1982

DE MELO, J. M. **Jornalismo Policial. Entrevista concedida à revista PJ: BR – Jornalismo Brasileiro da ECA/USP**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1_c.htm. Acesso em 05 de dezembro de 2012.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e Violência - Novas tendências na cobertura de criminalidade segurança no Brasil**. Rio de Janeiro .Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes – CEsEC, 2007.

SOARES, D.; TRIELLI, D. **O sensacionalismo do jornalismo policial nos sites de notícias de Mato Grosso**. (Monografia). Unic. 2012.

WOLF, M.. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.